

Elmo Serejo apresenta seu balanço



Elmo Farias considera a conclusão do Teatro Nacional uma das principais obras do seu governo

— Governador, o senhor estava na Bahia quando foi chamado a Brasília. Como foi o início de seu governo?

Procurei sentir pessoalmente, de perto, todas as necessidades do Distrito Federal, e sessenta dias após ter assumido o governo, estabeleci um programa, em metas prioritárias — que eu considere prioridade 1, prioridade 2 e prioridade 3 — para que eu pudesse cumprir nesses 5 anos.

Estabelecidos os projetos em execução, praticamente quatro meses depois tive condições de começar a exercitar o programa, e são 5 anos de trabalho. Hoje podemos dizer que cumprimos tudo aquilo que prometemos dentro das prioridades. Além disso, tive que concluir todas as obras paradas de Brasília, com exceção de duas: uma delas foi o estádio de futebol Presidente Médici, que não pude concluir em função de uma demanda judicial e que, ainda hoje, se encontra na Justiça em andamento; e a segunda obra parada é que vai continuar parada, a não ser que o próximo governo dê uma outra prioridade seria o início da construção de um prédio que se destinaria a um terceiro hospital da Asa Norte. Como não dei prioridade a essa obra, dentro do meu programa, porque seria praticamente um hospital de 200 leitos, eu optei, então, para aumentar o número de leitos da Rede Hospitalar existente, que era de 1.300 leitos, e passamos para mais de 2.000 leitos, sem construir novos hospitais.

— O senhor falou em prioridade. Qual o critério para a escolha dessas prioridades?

Esse programa foi estabelecido em prioridades, e a primeira prioridade foi para o setor viário. Foi recomendação do Presidente Geisel para que eu observasse bastante o setor viário do Distrito Federal, onde já se verificava uma série de estrangulamentos. E o sistema viário aí está; desafogamos todos os estrangulamentos da Capital da República, praticamente todos; construímos uma série de obras que dão desafogo ao tráfego, que são os viadutos que, no princípio, foram muito condenados, mas hoje têm sido muito aplaudidos; como exemplo delas poderia citar a ligação das duas vias W/3 Norte com a W/3 Sul, assim como o trevo de triagem da Asa Sul onde tivemos a coragem de demolir dois viadutos novos para construir um trevo que tem sete viadutos.

Construímos, também, a via estrutural que já é ligada no problema de transporte, ligando o Plano Piloto, através do Eixo Monumental, à estrada da Ceilândia, dando acesso a Taguatinga e Brazlândia, que tem uma extensão de 25 km. Desafogamos, também em cidades-satélites como Taguatinga, onde fizemos o trevo de acesso, tiramos uma obra difícil que havia no Distrito Federal, que é aquela que faz a ligação do Núcleo Bandeirante e que faz a ligação das estradas de Belo Horizonte e de Goiânia, a antiga "curva da morte", enfim, tivemos a possibilidade de construir quase 30 ou 40 viadutos para desafogar o tráfego de Brasília.

Concluímos a Ponte Costa e Silva, fazendo assim a segunda ligação do Plano Piloto da cidade com o Lago Sul. E conseguimos aquilo que desejávamos, que era realmente atender

a recomendação do presidente da República para dar desafogo ao tráfego de Brasília. Hoje Brasília tem um tráfego excelente, porque não existem congestionamentos.

— Governador, e a tese de que os viadutos a curto prazo servem para desafogar o tráfego, ou seja facilitam a circulação do automóvel, mas favorecem a sua multiplicação?

Não podemos evitar a entrada de automóveis. Existe um parque automobilístico de fabricação no país e esses carros entram com ou sem vias apropriadas. Se não existem vias apropriadas, o congestionamento é maior, e se você tem um desafio de tráfego, então, tem-se a circulação melhor. Não vejo como se impedir a entrada de veículos novos para o comércio de automóveis.

— Houve uma época em que a seção de Brasília no Instituto dos Arquitetos fez manifestações contra os viadutos. Depois eles se calaram. Houve conciliação?

Na realidade, não procuro fazer conciliação quando não existe necessidade de fazê-la. Mas tenho a impressão de que não houve nada do Instituto dos Arquitetos do Brasil com os viadutos, e não teria sentido haver. O que houve foi um probleminha com o estudo dos arquitetos, que eles mesmo silenciaram, e foi quando fiz aquele estacionamento em frente ao Setor Comercial Sul, o canteiro central, e eles imaginaram que estávamos destruindo uma faixa verde da cidade. Foi só isso.

— O senhor iniciou algum empreendimento para implantação de transportes de massa, mais eficientes do que os ainda existentes?

Uma das prioridades nossas era o transporte de massa. Quando assumimos o governo, tínhamos cerca de 600 unidades em transporte e hoje temos, praticamente, 1.500 unidades. Dentro do sistema tradicional, fizemos tudo que nos foi possível ser feito, para atender ao tráfego de massa em Brasília.

Mas Brasília tem uma conotação completamente diferente das outras unidades, porque representa o centro e tem as alimentações que terão as cidades-satélites, e pelas distâncias, não pudemos dar uma em condições perfeitas de transporte de massa com o sistema tradicional. Então, tínhamos que fazer um projeto racional e dentro da técnica. Contratamos empresas, através de concorrência pública, e quem ganhou essa concorrência foi a CEDESP — Construtores de Engenharia e Desenvolvimento de São Paulo — mas ela teve problemas administrativos, e tivemos que tomar o projeto dela e contratar com a HIDROSERVICE. Esse projeto foi pesquisado, foi estudado praticamente em três anos de trabalho, e estamos recebendo o projeto pronto. Um projeto racional para transporte de massas e tenho a impressão de que ele vai servir de exemplo para o Brasil; o projeto está pronto, inclusive o plano diretor e o projeto executivo de engenharia que devemos receber no final deste mês, e entregarei ao próximo governador do Distrito Federal o projeto completamente pronto para execução.

— Por que o senhor acha que esse projeto serve de modelo para o Brasil?

Ele vai ser modelo para o Brasil em termos de transporte de massas, mas evidentemente as cidades oferecem características diferentes. Brasília oferece melhores facilidades porque é uma cidade plana. Inicialmente, imaginávamos fazer em termos de trem, transportando a massa do Plano Piloto para Taguatinga, mas em função da rampa ser muito forte — mais de 10% — tivemos de optar por um metrô de superfície — como chamaram, pré-metrô — na base de ônibus articulados. Então, ele faz a ligação em uma via completamente independente; ele entra na extremidade da Asa Sul, passando em baixo de uma via por túnel, pegando a faixa central do eixo rodoviário, indo até a estação rodoviária, onde ele faz um balão, voltando: então, temos mão nos dois sentidos.

— A cidade-satélite de Ceilândia, foi considerada antes de seu governo, pelo escritor argentino Julio Cortázar, como a maior favela da América Latina. O senhor tem sido muito criticado por considerar os parques e jardins do Plano Piloto, mais importantes do que em água para Ceilândia. As críticas procedem?

Tenho a impressão de que, se sou criticado em relação a Ceilândia, não é uma crítica justa, porque quando assumi o governo não encontrei nada na Ceilândia, apenas as casas construídas, mas sem qualquer infraestrutura. Ceilândia é hoje uma cidade que tem 180 mil habitantes onde o meu governo construiu — só para dar uma idéia — 36 conjuntos escolares. Quando assumimos o governo, tínhamos 12 mil crianças estudando na Ceilândia e, hoje, temos 50 mil crianças. Levamos praticamente uma infraestrutura muito pesada em termos de sistema viário para a Ceilândia, estamos asfaltando praticamente todas as ruas principais. Ampliamos o Centro de Saúde, em conjunto com a Telebrasil levamos telefone para a Ceilândia, eliminamos toda a cidade, estamos trabalhando em sistema de esgoto e drenagem, levamos uma unidade da Polícia Militar, levamos água etc.

Hoje temos serviços contratados com recursos do BNH na ordem de 404 milhões, só para infraestrutura: pavimentação, drenagem e esgotos, e que já é realmente uma soma substancial e que o governo tem que aplicar na Ceilândia.

O governo não se descuidou um só momento. A Ceilândia de hoje é completamente diferente da Ceilândia de 1974, quando assumi o governo; tive, por ela, uma dedicação absoluta, mas como é uma área muito grande, a infraestrutura é muito pesada, o governo investiu o que foi possível, orçamentariamente. Além disso, investiu através de recursos gerados, também, pelas próprias empresas.

cluída a pavimentação que está contratada, porque ela hoje está toda iluminada com a infraestrutura que foi dada, ela não será nenhum problema para Brasília; apenas terá que ter tratos ornamentais, complementação de suas áreas verdes, que são extensões, idênticas as do Plano Piloto, e arborização. Então, ela passará, realmente, a ser uma área agradável de habitabilidade.

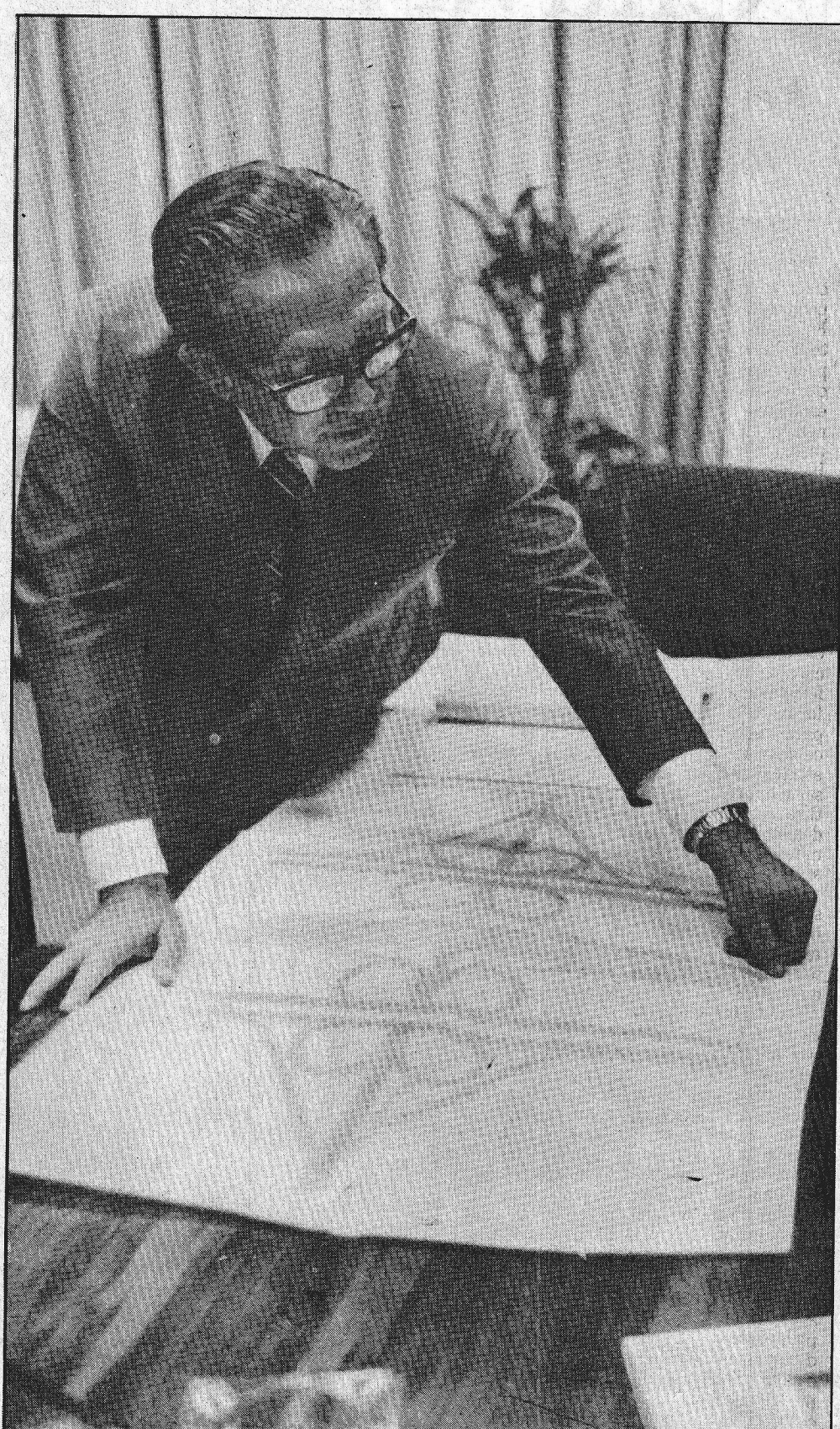
Construímos na Ceilândia, através da SHIS, muitas unidades habitacionais; cerca de 38.400 unidades, com

O governador de Brasília, Elmo Serejo Farias, ao fazer o balanço de seu governo, revelou que plantou no distrito federal, ao longo dos últimos cinco anos, 28 milhões de árvores, segundo ele, equivalente a uma área de 10 mil hectares.

No mesmo balanço, ele considerou a conclusão do Teatro Nacional, como o empreendimento de maior envergadura do setor cultural.

Rebateu as críticas que ainda hoje recebe quanto ao tratamento que vem dando à cidade-satélite da Ceilândia, e enumerou centenas de obras que a cidade ganhou, beneficiada por

generoso orçamento, esta a entrevista do governador de Brasília e futuro presidente da Rede Ferroviária Federal — Refesa, Elmo Serejo Farias.



Um generoso orçamento possibilitou a execução de centenas de obras

o projeto que estamos completando. Isso faz com que cheguemos ao final do nosso período de trabalho colocando a SHIS como a primeira COHAB do Brasil em termos de unidades. Vejam então, como os investimentos foram pesadíssimos. Portanto, se existem críticas, fico até feliz porque são críticas injustas.

Acho que a conceituação do escritor argentino é muito injusta, porque a Ceilândia não é favela; a Ceilândia é um bairro popular, é um bairro de pessoas da classe menos favorecida. Ela não tem nenhum aspecto de favela; ela foi evidentemente planejada com suas ruas em condições direcionais perfeitas arquitetônicas, e ela não tem nenhum aspecto de favela.

— Por que Brasília continua sendo uma cidade pobre de lazer?

Em Brasília, é necessário primeiro que o indivíduo compreenda a cidade, entenda seu projeto, e procure realmente gostar da cidade. Eu gosto da cidade, porque entendi a filosofia da cidade. Mas para que se goste de Brasília é necessário que os indivíduos que venham de outras unidades esqueçam o que existe nas outras cidades, e procurem se adaptar ao sistema de vida da Capital Federal e das cidades-satélites, que é uma cidade planejada; é a única cidade do mundo em que ninguém mora em rua, todo mundo mora num bosque, e isso não se vê em lugar nenhum.

Brasília, hoje, tem muitas opções de lazer, e o nosso governo, preocupado em dar melhores condições de distração para o povo de Brasília, principalmente no final de semana, construiu uma série de equipamentos, não só nas cidades-satélites, como em Brasília. E reputo como área de lazer das melhores do Brasil o Parque Recreativo da cidade, o parque que tem o nome de meu filho — Rogério — que foi a homenagem que fizemos a um secretário do governador e que faleceu quando estava em atividade oficial com o seu pai — o governador. Então, foi homenageado com o nome dele. E a maior área de lazer que existe no Brasil, tem 4 milhões de metros quadrados, com tudo que se possa imaginar em lazer para uma população, e que à medida em que o tempo passa, à medida em que as árvores cresçam, teremos um dos melhores bosques do Brasil.

Ao lado disso, construímos uma série de praças. Agora, é preciso que o povo de Brasília se acostume a visitar as praças como nas demais unidades. Brasília tem uma infraestrutura em clube que faz inveja a qualquer unidade no Brasil; Brasília tem as Águas Minerais que é um ponto de recreação.

Enfim, Brasília hoje tem uma série de pontos de encontro. Isto na parte de lazer.

— E verdade que o orçamento do Distrito Federal é diretamente proporcional ao prestígio de seu governador junto ao Palácio do Planalto, ou seja é uma cidade sem teto orçamentário?

Não existe isso, nunca existiu. O Distrito Federal tem um orçamento e, dentro do orçamento das projeções, o governo federal estabelece uma parcela para pessoal no Distrito Federal e pequenas obras vinculadas. Agora, o governador é obrigado a fazer a política pura, a política que ajuda sua administração. Essa política eu fiz.

que sejam importantes. Por exemplo, sistema de abastecimento: foi concluído agora o sistema do Rio Descoberto, onde gastamos 1 bilhão 645 milhões, o qual fizemos com recursos do governo do Distrito Federal, com recursos do BNH através de empréstimos, e com recursos do governo federal, um auxílio do governo federal a fundo perdido, uma parcela de ajuda. Então, não existe esse problema de que o governo do Distrito Federal solicita recursos quando precisa e a vontade ao governo federal, porque senão o governo federal não teria orçamento; ele tem um orçamento planejado, e orçamento planejado é para ser cumprido durante o exercício. Dentro desse orçamento planejado tem uma parcela correspondente para pessoal do Distrito Federal e obras vinculadas. Mas o apoio do governo federal é grande e vai ser sempre preciso o seu auxílio para a manutenção do Distrito Federal.

— Qual o tratamento que seu governo deu ao setor de Educação?

No setor educacional, quando chegamos ao Distrito Federal, tínhamos praticamente 20 mil crianças matriculadas sem aula; estavam matriculadas mas não podiam frequentar as aulas por falta de professores. Fizemos então um remanejamento de horário e conseguimos colocar as 20 mil crianças na aula. Então, observamos que tínhamos necessidade de construir novas escolas.

Nesse período de governo, construí 1.650 salas de aula. Ora, 1.650 salas de aula foram o suficiente para atender essa carga de matrícula que, na realidade, é praticamente 20% ao ano de acréscimo, durante esses 5 anos. Hoje, temos cerca de 300 mil crianças matriculadas, todas com aula, porque aumentamos o efetivo de professores. Na realidade, devemos ter hoje no Distrito Federal cerca de 16 mil professores, e com o corpo auxiliar da Fundação Educacional, um número de 20 funcionários.

Quando assumi o governo tínhamos, praticamente, 150 mil alunos matriculados; hoje temos 300 mil alunos matriculados. Realmente é um setor pesado do governo e que absorve cerca de 1/3 do orçamento do governo do Distrito Federal.

— E o setor de saúde?

Na Fundação Hospitalar procuramos senão chegar ao ideal, que é impossível, pelo menos chegar a uma posição de equilíbrio. Para isso, investimos bastante. Só em obras públicas de recuperação, construção de novas unidades, reaparelhamento da Fundação Hospitalar gastamos mais de 300 milhões de cruzeiros, haja vista que temos um Pronto Socorro concluído no meu governo equipado com o que há de mais sofisticado em termos de medicina. E eu reputo que o sistema de saúde do Distrito Federal se não chegou a fase ideal, pelo menos se apresenta como um dos melhores do Brasil.

— O senhor fez política?

Na realidade, para o governo do Distrito Federal é escolhido um homem da confiança do Presidente da República. Mas em administração pública você não pode divorciar administração de política, principalmente na posição de governador. Então, o governador é obrigado a fazer a política pura, a política que ajuda sua administração. Essa política eu fiz.

O que o Sr. acha desse debate que está ocorrendo aí da criação de uma Assembleia Legislativa?

Essa é uma vontade evidentemente da população do Distrito Federal. Para mim, eu assumi o governo sem Assembleia, sem representantes do Distrito Federal no Congresso Nacional. O que tínhamos era uma Comissão de alto nível, constituída de 11 senadores, que cuidava dos assuntos do Distrito Federal. E essa Comissão me satisfaz plenamente, e me ajudou bastante, porque dependemos muito da Comissão; todos os assuntos ligados ao Distrito Federal são aprovados pela Comissão do Distrito Federal.

Esse assunto de representação política para o Distrito Federal, que é uma reivindicação da sua população, pelo menos vejo isso das classes representativas, é um assunto muito ligado com o governo principal, com o governo federal. E um assunto que não me preocupou porque eu tinha realmente uma representação política no Senado Federal que me satisfazia.

— Mas não acha que uma Câmara ou uma Assembleia teria melhores condições de ajudar o governo pelo fato de ser obrigada a ouvir o povo?

Isso é questão de conceituação. Acho que, para o governo do Distrito Federal, devemos ter a sorte de termos sempre homens que se interessam, que se dediquem, para executar tudo aquilo que é preciso. Realmente, se tivéssemos uma representação, ela ajudaria, porque teria que trabalhar congregada com o próprio governador. Mas esse problema de ouvir ou não ouvir, o próprio governador ouve, como os políticos também podem ouvir, trazer sugestões e opiniões. Mas devemos ter a sorte de sempre termos um governador dinâmico no Distrito Federal, que queira trabalhar, que encare a cidade com amor e com dedicação absoluta para atender realmente as necessidades da comunidade.

— Se entendi bem, o Senhor acha que é uma reivindicação da população, mas pessoalmente não a considera tão necessária?

Evidente.

— Ao que parece o Senhor deu prioridade à arborização da cidade?

Procuramos realmente estabelecer um plano de arborização da cidade. Plantamos muitas árvores, quase um milhão de árvores. E foi dentro de um planejamento.

— Esse milhão de árvores plantadas dentro da cidade; se fosse em mata fechada, daria quantos hectares?

Em Brasília eu plantei quase um milhão de árvores. Mas quero esclarecer que através de projetos da Proflora plantamos cerca de 28 milhões de árvores em reflorestamento. Isso dá muitos hectares.

— Esses 28 milhões em todo o Distrito Federal?

Certo. Então, 28 milhões de árvores que dão praticamente uns dez mil hectares. Esse projeto é muito grande porque pegamos uma empresa que estava sem vitalização alguma, e a colocamos em funcionamento.